

CILCO DE CINEMA URBANO | SESSÃO 3

CIDADE PERCEPCIONADA PELA INFÂNCIA

Carolina Anselmo

Doutoranda em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas | FCT | Universidade de Coimbra

e-mail: ccanselmo@gmail.com

A última sessão do Ciclo de Cinema Urbano centrada nas Cidades Intangíveis aconteceu em 15 de junho de 2021 e foi dedicada à temática da cidade percebida pela infância. O filme escolhido para abordar o assunto foi o *Ciudad Grande*, documentário mexicano de 2017, realizado pelas investigadoras Tuline Gülgönen e Ana Álvarez.

Ambas estiveram presentes na sessão para comentar e contribuir com a discussão sobre o tema. O amplo repertório e conhecimento que têm das dinâmicas da Cidade do México, da relação entre cidade e infância, do uso das imagens como instrumento de investigação enriqueceu a conversa. Ana Álvarez além de investigadora, desenvolve projetos interdisciplinares centrados nas questões urbanas da Cidade do México. É co-fundadora do colectivo de investigação urbana Citambulo e no meio audiovisual tem experiência na organização de exposições e trabalhou em outros filmes. Tuline Gülgönen tem um percurso de investigação centrado na relação entre infância e cidade. Também desenvolve projetos interdisciplinares e colaborativos nos quais se utiliza de métodos híbridos e experimentais que estão ao meio do caminho entre arte e ativismo.

O curta dirigido por elas e escolhido para esta sessão, mostra parte do cotidiano de crianças em cinco diferentes áreas da Cidade do México. Expõe de maneira muito sensível como são muitas as cidades e as infâncias que podemos encontrar nessa que é uma das maiores metrópoles do mundo. A câmara colocada a altura dos olhos das crianças nos apresenta um outro ponto de vista que percorre a cidade, na tentativa de compreender como as crianças vêem a cidade e como isso poderia ajudar a integrá-las nos planeamentos e políticas

públicas. Ressalta a maneira como as crianças percebem a cidade e como a cidade não percebem as crianças.

Essa mudança de perspectiva foi alvo de conversa no debate da sessão. Carlos Fortuna apontou que o ponto de vista, o ver de cima e o ver de baixo, poderia ser lido também metaforicamente, no sentido dos jogos de visibilidade e invisibilidade que se constroem a partir de hierarquias presentes no fazer e no viver das cidades. Destacou que não se trata de invisibilizações e sim de bullying urbano que diz de como a cidade mal trata e explora as crianças. Lembrou que infante na clássica origem da palavra significa aquele que não tem direito. As investigações de Tuline passam por esse ponto não só pela sua observação e presença nos lugares, mas também ao analisar as legislações e as políticas públicas que desconsideram por completo o lugar e os direitos das crianças que são vistas apenas como extensão dos pais, não como atores sociais que devem ser escutados.

Esse ponto nos levou a uma reflexão que extrapola o filme, mas é um assunto muito atual que se relaciona com o tema documentado: a situação das crianças durante a pandemia do Covid 19. Evidenciou-se a ultra marginalização da infância e o seu bullying urbano, para retomar o termo de Fortuna. Quando pensamos nas medidas de restrições que impactaram o cotidiano infantil ou adulto, vimos escolas fechadas, restaurantes abertos. Praças e parques interditados, lojas e shoppings abertos... As medidas tomadas colocam as crianças no lugar de grande propagadores do Covid. Houve expulsão severa das crianças do espaço público, assim como também é a criança no espaço público, como falou Ana Álvarez. Onde estão os direitos e o respeito à infância nas complexas relações das nossas cidades?

O lugar do consumo é destacado e evidente. No filme são notórias as muitas mensagens nesse sentido. A cena onde uma criança está no autocarro e lê durante seu percurso os vários textos espalhados pela cidade mostram claramente essa questão. E ao perguntar “o que é excesso?” nos coloca diante não só da realidade da cidade do consumo, como da cidade desigual e excludente.

Nas sessões anteriores deste ciclo de cinema, falou-se da importância e das potencialidades de dar atenção aos vários sentidos, e falamos especialmente dos sons. Aqui, essa atenção também nos parece ter lugar especial. Ana ressaltou como o audiovisual ajudou na apreensão das desigualdades em diferentes níveis, tanto estruturais quanto

espaciais. É na captação por imagem e som que se percebe as diferentes matizes e contrastes urbanos. Há locais com mais espaços verdes, outros mais edificadas, uns mais silenciosos ou outros com mais ruídos. Algumas cenas captam vozes que indicam presença de pessoas, outras os barulhos dos carros. O registro por vídeo deixa essa cidade mais rugosa, menos plana do que quando é representada nas imagens bidimensionais. Assim percebe-se melhor as relações com e nos espaços públicos que podem ter maior ou menor intensidade. Ou podem não existir. Muitas vezes pelo imaginário de espaço público e dos medos construídos sobre esses locais (o que não significa que não existam perigos e violências). No filme vemos como isso pode acontecer através das imagens das câmeras de segurança ou da fala de uma vizinha que alerta dois jovens sobre os perigos da rua. As cidades imaginadas podem ser fantásticas como apareceram na segunda sessão do ciclo, utópicas, mais inseguras, mais justas. Podem ser muitas.

O documentário também nos mostra como as crianças se relacionam com esses espaços de maneira criativa e muitas vezes subversiva e revelam potenciais desses e imaginários. Apropriam-se das ruas de maneira inesperada, fazem das cadeiras brinquedos mais apetecíveis do que outros projetados com a intenção específica do uso do brincar. Não há controle sobre o modo de divertir. A imprevisibilidade que acompanha criatividade no brincar, na inventividade de se relacionar com os espaços sem vícios ou pre-determinações resultantes da curiosidade, da descoberta de possibilidades, são fascinantes e podem nos auxiliar a ver, viver e construir cidades.

Para esse grupo que, por diferentes caminhos, busca cidades menos excludentes, segregadas, mais plural e éticas, tal gesto brincante pode ser muito inspirador na reflexão sobre produções do espaço e também para nossas próprias vivências e experiências do cotidiano. Incluir na nossa prática o olhar curiosos, os desvios e subversões dos usos, a capacidade imaginativa, outros afetos e afetações que aprendemos e apreendemos com as crianças pode ter um grande potencial transformador da nossa prática na cidade. Apesar do enorme desafio pela conquista de direitos da infância, apesar de todas as violências que existem em relação à ela, as crianças jogam, as crianças brincam. “Apesar de”, elas nos oferecem outras possibilidades de ver, de sentir, de estar, de subverter, de fazer cidade.